



16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021


PRÁTICAS DECOLONIAIS: COSTURAS VISÍVEIS DOS CORPOS INVISÍVEIS

Costa, Carla; Mestra; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro,
cah.costa84@edu.unirio.br¹

RESUMO

O presente resumo é uma reflexão sobre o ofício da costureira como prática de libertação e autonomia. Para a nossa reflexão, apresentaremos três grupos distintos de pessoas que têm na costura seu meio de sobrevivência. Por meio deles, buscaremos aprofundar nosso pensamento sobre as práticas decoloniais e mostrar como a existências dessas pessoas, invisibilizadas na sociedade, apresentam aquilo que autores decoloniais chamam de giro decolonial. Nossa abordagem tem como objetivo principal apontar o saber/fazer do ofício da costureira como um caminho para impulsionar o resgate de vidas lançadas às margens da nossa sociedade. Os grupos apresentados na nossa reflexão são: Canoas da Vila, um grupo de mulheres com faixa etária acima de cinquenta anos, moradoras de comunidades no Rio de Janeiro que montaram uma cooperativa de costura para sustentar seus lares. O segundo grupo é o Coletivo Tem Sentimento, um grupo de mulheres cis e trans que desenvolvem um projeto de costura para e com as mulheres da Cracolândia em São Paulo. O terceiro caso não é exatamente sobre um grupo, mas de um jovem que representa um determinado grupo da nossa sociedade, o jovem Tauan, dono da página no *Instagram* @bixa Costura. Ele é jovem, negro, umbandista e gay, ele faz da costura sua rota de fuga para vencer o sistema. Com esses corpos, mulheres cis, trans e gays propomos um debate sobre a importância do saber/fazer na prática da costureira, como o ofício pode libertar corpos que são reféns do sistema capitalista e mudar suas perspectivas de vida. Diante de tantos desafios, muitas costureiras não ousam romper com esse sistema, e é exatamente aí que nasce

¹Doutoranda em Artes Cênicas (Unirio); Mestre em Artes Cênicas (Unirio). É graduada em Cenografia e Indumentária (Unirio) e Tecnologia em Produção do Vestuário (Senai Cetiqt). Professora na Faculdade Senai Cetiqt (Design de Moda), Angel Vianna (Dança) e Cesgranrio (Teatro). Ministra aulas de Modelagem e Confeção do vestuário, Direção de Arte e Visualidades da Cena.





COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

nosso questionamento: Como entender o giro decolonial a partir do ofício da costureira? A indústria têxtil no Brasil é um dos setores que mais emprega. A moda tal como conhecemos, não nasce pronta nas passarelas, ela percorre longos caminhos, e nesse mesmo caminho abandona muitas vidas, corpos invisíveis que são responsáveis por fazer a moda existir e muitas vezes trabalham em condições insalubres.

O ofício da costureira é muito antigo, ofício que já teve seu prestígio no século 19 e no início 20, mas com a alta produtividade do *fast fashion* foi muito desvalorizada. Em muitos lugares do Brasil a costureira trabalha mais de 15 horas por dia para alcançar o salário mínimo. A exploração desses corpos no chão de fábrica é algo que dialoga diretamente com a nossa reflexão, mas queremos tocar no ponto em que a costura liberta e empodera mulheres e outros corpos marginalizados. A costura é um meio de sobrevivência para muitas famílias, principalmente para mulheres que carregam nos ombros a responsabilidade de sustento do lar. Assim, o Coletivo Tem Sentimentos (SP), Canos da Vila (RJ) e a Bixa Costura (BA) são os exemplos de rupturas que validam nossa abordagem. Os autores que embasam nossa pesquisa são Françoise Verges (2020) “Um feminismo decolonial”, Bell hooks (2019) “Teoria Feminista: Da margem para o centro” e Patrícia Hill Collins (2019) “Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento”. A pesquisa aqui apresentada ainda está em andamento, contudo, salientamos a importância do mesmo para campo da moda.

Palavras-chave: Decolonialidade; Costureiras; Corpos invisíveis.

